

### CRÔNICAS DE EDUCAÇÃO

Cecília Meireles

Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001, 252p.

Boa notícia nos chega com o centenário de nascimento de Cecília Meireles. Trata-se da publicação de sua obra em prosa, inclusive suas crônicas sobre educação, que irão surpreender as gerações que não puderam acompanhar a forte presença da autora nos jornais, entre as décadas de 30 e 60. O primeiro volume da série Crônicas de educação reúne textos muitas vezes inesperados, tanto para os que se acostumaram à Cecília poeta como para os que hoje se dedicam aos temas da educação. É provável que, finalmente retiradas dos jornais da época, essas crônicas passem a constituir estimulante material de pesquisa para a área educacional.

Encontra-se nesse primeiro volume a reunião de parte de suas crônicas jornalísticas publicadas entre 1930 e 1933 no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Neste jornal a autora manteve uma página diária sobre assuntos da educação, com entrevistas, notícias e a participação sistemática de colaboradores, entre os quais Fernando de Azevedo. A página continha ainda sua coluna diária, chamada "Comentário", na qual afirmava convicções e aafiava sua requintada ironia. Escreveu, nesse período, mais de 700 crônicas.

A vida de Cecília Meireles esteve sempre ligada à educação. Foi professora, em todos os níveis, do primário ao superior. Participou ativamente do movimento reformista pela Educação Nova, escreveu diversos livros para crianças e criou a primeira biblioteca infantil do Rio de Janeiro, onde viveu, em 1937, o inusitado episódio da apreensão do volume de *Tom Sawyer* de Mark Twain, acusado de "comunista".

Com a Revolução de Trinta, eclodiu a luta entre liberais e conservadores no campo da educação. A educação pública e laica e a co-educação

dos sexos estavam no coração do ideário progressista que Cecília Meireles defendia. Sua militância jornalística na defesa dos princípios do *Manifesto dos pioneiros da educação nova* foi incansável. Se o Manifesto, por ela assinado, foi o documento símbolo de uma geração de brasileiros que aplicou o melhor de suas inteligências e forças na luta pela democratização da educação, Cecília Meireles representava essa geração de maneira singular.

As crônicas de Cecília que compõem este volume são a comprovação de que generosidade e rigor podem andar juntas, desde que se tenha sabedoria para obter a rara combinação. Vemos nelas a abordagem simultânea, com excelentes resultados, de diversas dimensões da vida e dos fatos. Sentimos nos textos a presença da professora, da grande artista, da jornalista, da mãe, da militante de um movimento político social que acreditava na (ainda hoje) sedutora idéia da transformação pela educação. O espírito rigoroso de Cecília Meireles aparece na defesa desses princípios educativos. Critica sem pena e com grande mordacidade professores e autoridades. Não transige nem mesmo com os pais que, segundo ela, muitas vezes erram por preconceitos, ou por simples ignorância. Mas sua crítica não tem aquele tom, hoje tão comum entre educadores e intelectuais, do lamento e da queixa. Correspondendo a um momento histórico de grandes expectativas, sua crítica é otimista e trata a todos em condições de igualdade, como possíveis interlocutores, sem qualquer sentimento de conformismo ou comisseração diante da inciência e do obscurantismo.

Tem muitas palavras de incentivo e reconhecimento ao professorado, mas não baixa a guarda perante as resistências desse às mudanças. Dirige-se a todos: do presidente Getúlio Vargas a aqueles pais que pedem ao professor que trate seu filho "com dureza". Fustiga o ministro Francisco Campos e seu "decretozinho do ensino religioso" e também as feministas vanguardistas reunidas em

congresso, em 1931, que propõem medidas de apoio apenas “para as crianças pobres do sexo feminino”. Antecipando-se a um feminismo sectário e empobrecedor, ela pergunta: “e os meninos?”

A escolha dos textos para compor a série Crônicas de Educação não deve ter sido tarefa fácil ao professor Leodegário A. de Azevedo Filho, que coordena a publicação da obra em prosa. Além das 700 crônicas da coluna “Comentário”, há ainda as escritas no jornal *A Manhã*, entre 1941 e 1943, na coluna “Professores e estudantes”. Serão ao todo cinco volumes apenas para o tema educação, afora diversos outros que somarão 23 volumes em prosa.

A série de educação está organizada em núcleos temáticos que são, neste primeiro volume, “Conceitos gerais de vida, educação, liberdade, beleza, cooperação e universalismo” e “Família, escola, infância e educação”. Com isso as crônicas mais diretamente políticas, em torno principalmente da Revolução de Trinta (sobre elas há interessante trabalho de Valéria Lamego, chamado *A Farpa na Lira* e publicado pela Editora Record), aparecerão provavelmente nos volumes seguintes. Tais crônicas são documentos de grande valor para a história da educação brasileira contendo inúmeras reflexões sobre os rumos da Revolução de Trinta e seus reflexos da área educacional. Para apresentar as Crônicas de Educação, o professor Azevedo Filho elaborou uma boa introdução que situa no tempo e na biografia de Cecília Meireles esse conjunto de textos.

Neste primeiro volume estão presentes reflexões sobre temas simples, do cotidiano, mas nem por isso desprovidos de surpresa e encanto. Atenta ao resto do mundo, Cecília nos fala de Gandhi, da Guerra Sino-Japonesa e nos lembra que “o coração de uma criança é sempre grande demais para abranger uma pátria só”. Encontramos ainda reflexões sobre a situação do trabalho infantil e o conseqüente fracasso na escola, sobre a formalidade das festas escolares nas quais o que menos importa é a criança – como o relato sutilmente irônico do caso em que o convidado estrangeiro a uma dessas festas, no momento máxi-

mo da solenidade, inicia o discurso, em sua língua, dizendo: “Crianças!...”, mas elas haviam sido profliticamente retiradas do recinto. Também o tema da relação da escola com a sociedade e mesmo com a comunidade que a cerca é forte e corrente. A escola, diz Cecília Meireles, não é só para as crianças, “ela pode elevar, ao mesmo tempo, todo o ambiente social que rodeia cada geração (...) Por que recusar-se a ser o que pode ser na responsabilidade da civilização?”

Eram mesmo outros tempos. Tempos do chamado “otimismo pedagógico”, de crença na possibilidade da transformação social intencional e certa. Apesar de profunda conhecedora dos temas da educação, Cecília não falava como técnica. Mesmo sendo ainda jovem e estando envolvida em discussões explosivas, ia além de um discurso corporativo ou “partidário”. Hoje suas crônicas continuam em grande parte atuais e são leitura obrigatória para os apreciadores da boa literatura e para todos que se dedicam a pensar e tentar entender os (des)caminhos da educação brasileira.

*Ana Maria Villela Cavaliere*

Faculdade de Educação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro  
anacavaliere@uol.com.br

## **AVALIAÇÃO, CICLOS E PROMOÇÃO NA EDUCAÇÃO**

Creso Franco

Porto Alegre: Artmed, 2001, 172p.

### **Avaliar e repensar a escola**

É crescente o consenso nas sociedades contemporâneas sobre a necessidade de ampliar e aprofundar o debate sobre a qualidade e a eficiência da produção e da distribuição do conhecimento pelo sistema educacional, convertendo sua avaliação numa questão estratégica. No Brasil, com mais de 95% das crianças escolarizadas e situações de exclusão social persistentes, a avaliação da escola se constitui num problema ético e político